

# «Ao colonialismo político sobrepôs-se o colonialismo económico e cultural»

— afirmou Maria de Lurdes Pintassilgo  
ao regressar da reunião da Unesco em Nairobi

“O balanço político da evolução do mundo mostra que ao colonialismo político se sobrepõe o colonialismo económico e cultural” afirmou a enq.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Pintassilgo numa importante entrevista hoje publicada pelo “Diário de Notícias”, conduzida por António Cadavaz, Embaixadora de Portugal na UNESCO (em Paris), Maria de Lurdes Pintassilgo participou recentemente na Conferência de Nairobi, sobre a qual se pronunciou em pormenor devido ao seu alto significado político e cultural.

“Acreditamos que, através da identidade cultural afirmada por cada povo, por cada etnia e por cada minoria, é possível construir um novo tipo de relações na sociedade (proseguiu a entrevistada). A autonomia cultural é qualquer coisa de fundamental não só para a paz do mundo, entendida em termos verdadeiramente planetários, como para a originalidade de cada povo, e para a realização individual de cada pessoa. Só na medida em que houver uma perfeita harmonia entre aquilo que somos profundamente — ambiente natural e ambiente cultural — que cada um de nós vai criando, se pode pensar que se é feliz”.

As relações entre trabalho e cultura, emprego e lazer, são outro dos temas abordados. “O trabalho não pode ser visto como os países industrializados e calvinistas o fazem. Neles o homem vive para trabalhar e o trabalho tem o sentido único da sua vida, o resto é complementar. Mas a UNESCO fez precisamente uma denúncia nesse sentido por se verificar que os chamados tempos livres dão origem a uma nova indústria de exploração do homem pelo homem, e de alienação da sua própria realidade e identidade culturais. O próprio trabalho tem de ser fonte de cultura.

Nós sabemos que, cada profissão, cada posto de trabalho, tem um limite de rendimento. Por exemplo, está provado que numa profissão de criatividade intelectual, a não ser em casos de génios, o rendimento não vai para além de cinco horas diárias. Ora, quando há determinadas pessoas em funções de tipo intelectual e dizem trabalhar doze horas, passam o resto do tempo a realizar tarefas que outros deviam realizar.”

Os problemas de ensino foram também referidos, ressaltando sobretudo, na entrevista que vimos referindo, os que dizem respeito às concepções que dele se fazem.

“Julgamos que a democratização do ensino era abrir cada vez mais escolas a toda a população e termos cada vez mais professores e não vimos, que neste salto quantitativo está implícito um salto qualitativo. Esta mudança total de óptica tem que levar à inserção da aprendizagem básica numa cultura nova que faz parte duma nação mas que pertence, sobretudo, à comunidade local. Quanto mais o homem quer ser planetário tanto mais enraizado ele tem de estar porque se não, fica sem qualquer ligação à terra. Esta ligação à terra tem uma tradição que me é particularmente cara, porque bíblica,

porque fundamental para que o homem seja capaz de se realizar enquanto homem”.

A cultura portuguesa levada às zonas por nós colonizadas, ganhou especial relevância quando discutindo-se na região de Nairobi a conquista da América Latina pela Espanha e por Portugal, um historiador brasileiro corrigiu a afirmação “dizendo (recorda a afirmação Lurdes Pintassilgo) que não houve conquista do Brasil por Portugal, mas sim a implantação de portugueses num território da América Latina ce que resultou uma cultura lusotropical. Esta é uma realidade nova e essa é a nossa identidade que agora trazemos ao mundo, já não é a identidade cultural portuguesa mas outra inteiramente nova”.

Já a terminar, a entrevistada sublinhou: “A crise mais grave da UNESCO foi o ter esvaziado a cultura de toda a dimensão transcendente, onde não há praticamente nenhuma referência a dimensão religiosa do homem em todo o trabalho. (...) Ora cultura e culto têm a mesma raiz. Parece-me uma mutilação da cultura esvaziada da realidade e dos “porquês” fundamentais da existência. Porque se não, teremos uma cultura unidimensional e não uma cultura que aponta para um horizonte mais vasto”.

